

Reações a Ulysses

Haroldo Hollanda

Num jantar realizado anteontem no apartamento do deputado pernambucano Artur Lima Cavalcanti, os deputados Luiz Eduardo Magalhães, do PFL da Bahia, e Ibsen Pinheiro, líder do PMDB, examinaram em profundidade o problema da eleição para a presidência da Câmara. O parlamentar baiano advertiu o líder do PMDB que se o seu partido insistir com o nome de Ulysses Guimarães, o PFL poderá votar em outro candidato, como o deputado Prisco Viana, que, segundo já frisou, é seu adversário na política baiana. O deputado Ricardo Fiúza, líder do PFL, também presente ao jantar, falou com outros interlocutores no mesmo tom, alertando que Ulysses pode até ser candidato, mas jamais se elegerá presidente da Câmara, em virtude das resistências que seu nome encontra em várias áreas políticas. Tanto Ricardo Fiúza como Luiz Eduardo Magalhães dispõem-se a respeitar o princípio da proporcionalidade dos partidos na composição da Mesa Diretora da Câmara, desde que o candidato do PMDB a presidente não seja Ulysses. O nome pelo qual revelam preferência é o do deputado Ibsen Pinheiro, o qual, no curso do jantar, voltou a reafirmar o compromisso de não concorrer à presidência da Câmara, se Ulysses for candidato.

Parlamentares ligados a Orestes Quércia asseguraram que não procedem as informações de que o governador de São Paulo tenha tomado a decisão de apoiar Ulysses. De acordo com as mesmas fontes, Quércia não tomará uma decisão definitiva sobre a questão, antes de fazer uma reavaliação de todo o quadro político nacional, dentro do qual se inserem as eleições para as presidências da Câmara e do Senado e a escolha dos líderes do partido. Alega-se que as versões de que Quércia teria se comprometido com Ulysses partiram do vice-governador eleito de São Paulo, Aluísio Nunes Ferreira, e dos deputados Tidei de Lima e Alberto Goldman, sem uma consulta prévia ao governador. Advertido das consequências políticas que o assunto comportava, o governador de São Paulo resolveu reexaminar a matéria em discussão. O problema, reconhecem importantes lideranças do PMDB, reside na constatação de que o afastamento da candidatura de Ulysses não ocorrerá sem traumas no partido.

Em banho-maria

A idéia da formação de um bloco parlamentar go-

vernista para eleger o presidente do Senado entrou em banho-maria, segundo admite um dos seus principais articuladores. Recorda-se, a propósito, que o presidente Fernando Collor e o ministro Jarbas Passarinho, no último almoço que tiveram com um grupo de senadores no apartamento do senador Jorge Bornhausen, demonstraram a maior cautela ao tratar desse assunto. Os prazos para articulação do bloco se tornam cada vez mais exíguos, uma vez que no final da próxima semana o Congresso entra em recesso e só volta a se reunir para eleger os presidentes da Câmara e do Senado no princípio de fevereiro. Começa a prevalecer o ponto de vista de que o bloco parlamentar de apoio ao governo deva ser formado, mas somente após o episódio da eleição dos presidentes da Câmara e do Senado.

Humores

Ontem, no Congresso, dava-se como fato consumado a próxima designação do embaixador Marco Coimbra para a embaixada do Brasil em Paris. O embaixador seria substituído na secretaria geral da Presidência da República por João Santana, secretário de Administração.

Quércia e o presidente

No encontro que teve anteontem em Brasília com o deputado César Maia, do PDT, e vários parlamentares do PMDB, o governador Orestes Quércia revelou-se profundamente preocupado com a dimensão da crise econômica que atinge seu Estado. O deputado César Maia defendeu antigo ponto de vista, segundo o qual a crise só terá solução quando políticos da dimensão do governador Quércia e parlamentares como Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Francisco Dornelles, Nelson Jobim e outros de igual representatividade política se reunirem com representantes do governo, na tentativa de encontrar soluções consensuais. O deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB, sugeriu um encontro do governador paulista com o ministro Passarinho. O deputado César Maia acha que as reuniões do presidente da República feitas com lideranças formais, mas de escassa representatividade política, não terão a repercussão que se pretende alcançar no seio da sociedade. Para o parlamentar do PDT, a estratégia do diálogo por ele definida visa a isolar no Congresso os fisiológicos e os radicais.